



Desenho e Educação

TÍTULO: O DESENHO INFANTIL COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

TITLE IN ENGLISH: CHILDREN'S DRAWING AS A PRACTICE OF FREEDOM

Carine de Jesus Nascimento¹
Nataly Ferreira Costa dos Santos²
Gláucia Maria Costa Trinchão³

Resumo: O presente trabalho visa refletir sobre o desenho infantil enquanto uma prática libertária para a criança, para isto, partindo pesquisa bibliográfica, com cunho qualitativo, nos apoiamos em estudiosos do desenho infantil (MOREIRA, 2008; SANS, 2014), potencial criativo (DERDYK, 2015), imaginário (STRONGOLI, 1996) e saberes da criança (FREIRE, 2000). Durante tal estudo foi perceptível que o ato de desenhar favorece à criança, estimulando a autonomia, criatividade e (re)construção de conhecimentos.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO. DESENHO INFANTIL. LIBERDADE.

Abstract: The present work aims to reflect on children's drawing as a libertarian practice for children. For this, based on a qualitative bibliographic research, we rely on scholars of children's drawing (MOREIRA, 2008; SANS, 2014), creative potential (DERDYK, 2015), imaginary (STRONGOLI, 1996) and child knowledge (FREIRE, 2000). During this study, it was noticeable that the act of drawing favors the child, stimulating autonomy, creativity and (re)construction of knowledge.

Keywords: EDUCATION. CHILDISH DRAWING. FREEDOM

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende abordar a respeito do desenho enquanto prática libertária de expressão para pessoas que se encontram no período da infância. A decisão em tratar de tal assunto, parte do interesse em valorizar a importância do desenho como via de comunicação infantil. O desenvolvimento se constituiu a partir de uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. Nessa perspectiva, Minayo (1994) realça que a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas.

Sendo assim, com o intuito de desenvolver discussões relativas à temática escolhida, nos apoiamos em leituras de teóricos que enfatizam sobre desenho, imaginário, potencial criativo e saberes da criança. Vale ressaltar que dentre os autores selecionados, optamos por Freire (2000), o qual homenageamos com o título deste trabalho em paralelo a sua obra “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1967). Entendemos aqui o desenho infantil,

¹ Mestranda em Educação (UEFS). E-mail: cjnascimento.uefs@gmail.com

² Mestranda em Educação (UEFS). E-mail: natalyferreira17@gmail.com

³ Professora titular do Departamento de Letras e Artes (UEFS). E-mail: gaulisy@gmail.com

não como algo da educação para a alienação e construção do homem-objeto, e sim enquanto elemento constitutivo de uma educação para a liberdade, que coopera para a (re)construção do homem-sujeito de si e de sua história. Diante de tamanha importância do ato de desenhar, temos como objetivo deste trabalho refletir sobre o desenho infantil como prática da liberdade.

O DESENHO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE INFANTIL

O desenho como prática da liberdade permite que as crianças experimentem a autoria que trazem, desde seus primeiros traços a transgressão, pois, ultrapassam as linhas ou os limites das margens impostas nas folhas e telas de desenho, deixam registros em paredes das casas, na areia da praia ou em alguma outra superfície, expressando seus saberes, pois as crianças, como bem esclarece Freire (2000, p.40), são “(...) seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem”.

O ato de desenhar ultrapassa as expectativas adultas, pois, se encontra no universo infantil, marcado pela presença de elementos da imaginação entrelaçados à realidade em que estão envolvidos, sendo o fator criatividade um marco nesta etapa inicial da infância, onde “o desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas” (DERDYK, 2015, p. 57).

O desenho da criança começa, desde o início da infância, é marcado pela descoberta do que há em sua volta, pelo constante aprendizado e construção da autonomia, por estes e outros fatores o ato de desenhar surge como uma experiência, carregada de emoções que permeiam momentos lúdicos, porquanto entendemos que “ao desenhar, a criança descobre e cria suas próprias normas, em uma íntima relação do ver, do saber e do fazer” (SANS, 2014, p.105).

Dessa forma, uma criança, em especial na fase da primeira infância, ao observar e/ou participar de ocorrências lúdicas, têm a imaginação e criatividade estimuladas, manifestando-as através de ações, como ao desenhar. Para Strongoli (1996), o imaginário é a retomada, a situação das imagens espontâneas num quadro que lhes confere uma significação. Desse modo, tendo a ação de desenhar como um meio de concretizar o que foi imaginado, chega a ser importante na constituição enquanto sujeito individual e social, demonstrando o que deseja, de acordo o modo de reconhecer-se no mundo, através de traços registrados em diversos suportes.

Nesse sentido, num vai e vem de movimentos que sobre um papel, uma tela, areia, parede ou qualquer outro suporte, no qual seja visualizada a construção de uma imagem que

lhe traga a sensação de protagonizar e transportar para esta ou aquela superfície o que deseja, pensa, ou simplesmente descobriu a partir de uma ação involuntária, pois “a criança desenhando está afirmando a sua capacidade de designar. Desenha brinquedos, brinca com os desenhos. É o risco da amarelinha, o castelo de areia, a planta de sua casinha” (MOREIRA, 2008, p.16-17).

Nesse contexto, o fato de que ao vivenciarem experiências que provocam sensações, procurarem maneiras de externalizá-las, deixa evidente o quanto é de interesse das crianças utilizarem desenhos como meio de concretizar sensações e apreciar reflexões surgidas ao realizar os traços pretendidos.

CONCLUSÕES

O modo como foi realizado este estudo, as reflexões ocorridas durante as discussões favoreceram para que essa produção acadêmica fosse aproveitada com prazer e afincos. Foi possível também ampliar a visão sobre desenho infantil e seu potencial socioeducativo enquanto prática da liberdade e autonomia da criança. Dessa maneira, parece claro que desenhar é viver, é perceber que certos comportamentos e atitudes de adulto resultam de aprendizagens construídas a partir de registros tomados de ludicidade experimentados quando criança, sendo assim, experiências influenciadoras na produção de nossas subjetividades.

REFERÊNCIAS

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. Porto Alegre, RS: Zoukk editora, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador – Coleção Espaço**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 09-29.

SANS, P. de T. C. **Pedagogia do Desenho Infantil**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014.

STRONGOLI, M. T. de Q. O imaginário no teatro matogrossense e paulistano para crianças e jovens. **Seminário Nacional sobre o papel da arte e do artista no processo de socialização e educação da criança e do jovem - Anais**. São Paulo: UNICSUL, 1996.